

A Desigualdade Pós COVID

Delano Franco

Resenha Trimestral - 20/01/2020

A questão da desigualdade foi certamente um dos temas econômicos globais mais debatidos na última década. O ex-presidente Obama, por exemplo, em um discurso de 2013, apontou a desigualdade de renda como o “desafio que define nosso tempo”.

Nos 30 anos até a epidemia do Covid, grandes ganhos de renda vinham sendo obtidos por indivíduos em torno da renda global mediana (tipicamente trabalhadores de mercados emergentes, pobres pelos padrões ocidentais – USD 5-15 por dia) e pelos 1% mais ricos. Por outro lado, as pessoas situadas nos percentis 80% - 85% mal tiveram ganho real de renda nos últimos 30 anos. Estes são principalmente indivíduos na metade inferior dos países ricos.

Com o aumento da renda dos trabalhadores das economias emergentes, e apesar dos maiores ganhos dos 1% mais ricos, vimos a desigualdade global cair pela primeira vez desde a Revolução Industrial. Como consequência, a pobreza absoluta global caiu de 36% em 1990 para abaixo de 20%.

No entanto, muito mais atenção da mídia, bem como a maior parte do debate de pensadores

políticos e econômicos, foi direcionada para outro ângulo desses desenvolvimentos - o aumento da desigualdade dentro dos países, particularmente nas economias ricas. Este fenômeno tem sido responsabilizado pelo ressurgimento do populismo nesses países, bem como pela eleição de Trump e pelo voto do Brexit, impulsionados pelo descontentamento dos *blue-collars*.

Existe uma vasta literatura focada nas causas da desigualdade dentro dos países (por exemplo, Milanovic, B., 2016 - *The Greatest Reshuffle of Individual Incomes since the Industrial Revolution*. Voxeu, UK). Para muitos, ela está essencialmente associada à globalização (exploração das vantagens comparativas dos países) e à desregulamentação. Se esse é realmente o caso, a redução da desigualdade mundial e o aumento da desigualdade dentro dos países representaram os lados opostos da mesma moeda - transferência de demanda de mão-de-obra menos qualificada de países ricos para países pobres e de renda média.

Chegada a pandemia da Covid, ocorreram grandes e rápidos efeitos sobre a riqueza e a renda dos indivíduos. Negócios faliram, outros

tiveram seu crescimento vertiginosamente acelerado. Governos gastaram proporções sem precedentes do PIB, decretaram *lock downs*, concederam / incentivaram crédito, e assim por diante. A pergunta que se coloca agora é se, baixada a poeira do episódio Covid, algo mudará no panorama da desigualdade e de seu debate.

Vejamos os dados dos EUA, disponíveis em maiores detalhes. A renda agregada das famílias, alavancada pelo Coronavoucher, foi disparada a maior da história – USD 1 trilhão a mais em Mar-Nov 2020 contra 2019. Parte das dívidas pessoais foi paga com esses recursos; por exemplo, as dívidas com cartões de crédito caíram mais de 10% em um ano, uma redução sem precedentes.

Os dados agregados confortáveis escondem, entretanto, realidades muito diferentes dentro da sociedade norte-americana. Carreiras, como aeromoças e garçons, foram suspensas subitamente. Uma parcela significativa dos trabalhadores do setor de serviços queimou boa parte ou toda sua reserva financeira em 2020. Como mostra um texto de Morgan Housel na Collaborative Fund de 07/jan, 9 milhões de empregos foram perdidos em 1 ano, algo como 6% do total.

Para aqueles com salários acima de USD28 por hora, o mercado de trabalho já se recuperou totalmente. Para os que ganham menos de USD16 por hora, um quarto das vagas ainda estão perdidas (proporção semelhante à do auge da Grande Recessão). A parada súbita dos “serviços presenciais” foi particularmente dura para os trabalhadores de menor qualificação.

Dessa forma, de acordo com os dados norte-americanos, os mais atingidos economicamente pela Covid foram a grosso modo justamente os que haviam sido os perdedores nos 30 anos anteriores (afora considerações setoriais – trabalhadores em setores *tradable* antes, do setor de serviços agora). Com isso, em se extrapolando para os demais países, deve-se esperar um aprofundamento da discussão e importância política do tema da desigualdade nos anos pós pandemia. Com ele, possivelmente pressão por maior ênfase distributiva dos governos (ex. Biden nos EUA) e maior taxaçaõ das grandes ganhadoras dos tempos atuais, como as *big techs*.

*Delano Franco, Mestre em economia pela PUC-RJ e Sloan Fellow da London Business School é estrategista da Argumento Gestão de Investimentos.